

RECENSÕES

KHÉDE, Sonia Salomão. **Cláudio Manuel da Costa** (poesia). Rio de Janeiro, Agir, Nossos Clássicos, v. 110, 1983.

Sânzio de Azevedo

A Coleção "Nossos Clássicos", da AGIR, conhecida por quantos tratem de literatura entre nós, em sua nova fase, sob a coordenação do Prof. Pedro Lyra, brindou-nos, em fins de 1983, com o volume dedicado a Cláudio Manuel da Costa, organizado por Sonia Salomão Khéde. A organizadora do volume, professora de Literatura Brasileira na UERJ e de Teoria Literária na UFRJ, exerce há vários anos a crítica literária em periódicos do Rio, e é autora do livro *Censores de pincenê e gravata* (1981), séria reflexão sobre a censura teatral dos tempos do Império aos dias atuais, e organizadora de *Literatura infanto-juvenil — um gênero polêmico* (1983), trabalho coletivo que vale como um alerta diante das contrafações dentro do gênero.

Cláudio Manuel da Costa (1983) é um dos pontos altos da coleção. E desse inconfidente, tão adversário da metrópole portuguesa em termos políticos, quanto ligado a ela pelos laços estéticos, poderão os estudantes de hoje ter uma boa visão, mesmo que (o que não desejamos) sobre ele venham a conhecer somente o livro de que ora nos ocupamos.

Estudando a situação histórica do escritor, não se limita Sonia a enumerar fatos que hajam composto o mosaico de acontecimentos da época, juntando ocorrências que sejam apenas coetâneas; faz questão, pelo contrário, de apontar, no Iluminismo, "a secura racionalizante de Voltaire" e "a afetividade romântica de Rousseau", desembocando ambos no

repúdio ao Absolutismo, o que de certa forma poderá explicar a ambivalência da obra desse poeta que é ao mesmo tempo um exemplo perfeito de árcade mineiro e de ilustrado português, como observa a ensaísta no estudo crítico sobre o poeta. Nem deixa a escritora de assinalar, em Cláudio, a superioridade dos sonetos em face das églogas, epístolas e epicédios, no que acompanha João Ribeiro e outros estudiosos da obra desse neoclássico. E seus sonetos são, com efeito, um dos ápices da poesia de seu tempo.

Na parte antológica, dividiu a autora os poemas escolhidos em 3 segmentos, que intitulou "O poeta ambivalente" (textos em que há a dualidade mencionada: o provinciano mineiro e o ilustrado lusitano); "O poeta como artesão" (a face arcádica do poeta, com notas de Quinhentismo e de Barroco), e "O poeta e os problemas sociais" (poemas laudatórios, em que o poeta se identifica com o Poder). Sendo a obra de um inconfidente, isso parece estranho, mas a organizadora havia dito que ele "não terá sido o único na história da literatura que dissociou a prática literária da prática política". O que nos faz lembrar casos posteriores, como o de Bilac, cujos versos em livro nada revelam de sua militância política, bem maior que a de alguns poetas sociais de hoje...

São bem escolhidos os textos, dentro o que há de mais característico do autor, e as notas de pé de páginas são elucidativas, sem excesso de erudição ou de pormenores informativos. Entretanto, permiti-nos algumas observações: na pág. 37, cremos ter de atribuir a um erro tipográfico o acento da 1ª sílaba de "impia" na "Fábula do Ribeirão do Carmo", no verso "Do acerto as luzes, busco a morte impia", vocábulo que deve ser paroxítono, com a tônica no *i*, como usava Bocage, e como está claro pela métrica e pela rima com o verso seguinte, "De um agudo punhal na ponta fria". Na pág. 44, como dissesse o poeta, no Soneto XII, que o pastor Daliso atravessava "O campo todo em busca de Violante", há uma nota dizendo: "Violante: Violante Montesino, freira, poetisa portuguesa, do século XVIII, autora de *Parnaso lusitano de divinos e humanos versos*. O nome empregado no poema não é necessariamente o mesmo da poetisa citada". Salvo engano, se o poeta não se refere (como pensamos) à citada poetisa, não haveria necessidade da nota.

Quanto à bibliografia sobre o poeta, que é excelente, somente estranhamos o fato de lá figurar, de José Aderaldo

Castello, o livro *A literatura brasileira*, 1º vol., da Cultrix, quando sabemos que esse título é o da coleção a que pertence o volume, que se chamava primeiramente *Manifestações literárias da era colonial* e, a partir da 3ª edição, substituiu *era*, por *período*.

É claro que não poderia figurar nessa bibliografia tudo, absolutamente tudo quanto se escreveu sobre Cláudio Manuel da Costa, mas a nosso ver não deveria ter faltado na lista o excelente *Cláudio, o lírico de Nise* (1975), de Hélio Lopes. E, em edição posterior, gostaríamos figurasse também o primeiro volume da *História da literatura brasileira* (1983), de Mas-saud Moisés, que abrange as Origens, o Barroco e o Arcadismo, obra que acreditamos não haja sido citada por ter sido editada no mesmo ano do livro de que ora tratamos, e da qual a organizadora certamente não tinha conhecimento.

Esses pequenos senões, facilmente corrigidos em edições futuras (que o livro certamente terá), não empanam nem de leve o mérito de tão importante trabalho, que faz uma releitura lúcida e atual de um autêntico (neo)clássico, um dos mais destacados poetas do neoclassicismo brasileiro e um clássico de nossas letras, e vem reafirmar o lugar conquistado por Sonia Salomão Khéde entre os modernos mestres do ensaio e da crítica literária no Brasil.

LUÍS, Agustina Bessa. *Os Meninos de Ouro*. Romance. Guimarães & Cia. Editores, Lisboa, 1983.

Carlos d'Alge

Na noite de 4 de dezembro de 1980 um pequeno avião espatifou-se nas cercanias de Lisboa. Nele viajavam o Primeiro Ministro Francisco Sá Carneiro, sua companheira Snu Seidenfaden, dinamarquesa de origem e dirigente de uma editora, um Ministro de Estado e esposa, e o piloto. Sá Carneiro, líder e fundador do Partido Popular Democrático, tentaria, nessa rápida viagem ao Porto, salvar a candidatura presidencial da Aliança Democrática, integrada pelo seu partido e pelo Centro Democrático Social. Com a morte de Sá Carneiro desapareceria o articulador carismático do radicalismo neoliberal.

O desastre provocou traumatismos e fissuras na agremiação política fundada pelo Primeiro Ministro e em grande

parcela do povo português que não desejava uma volta à direita e nem uma ascensão à esquerda ortodoxa. Por um longo tempo acreditou-se em sabotagem e atribuiu-se à extrema-esquerda o acidente de Camarate. Mas não se conseguiu identificar os possíveis culpados e há quem aceite a teoria de falha no aparelho.

Esses fatos, e mais notadamente a ligação amorosa de Sá Carneiro com Snu Seidenfaden, deram origem ao romance *Os Meninos de Ouro*, de Agustina Bessa Luís, recém-premiado pela Associação Portuguesa de Escritores. Agustina, primeira-dama da literatura portuguesa contemporânea, tem buscado na crônica histórica motivos para algumas das suas narrativas. É o caso de *Os Meninos de Ouro* e do novo romance *Adivinhas de Pedro e Inês*, publicado em fevereiro último, uma re-criação dos malogrados amores do Infante D. Pedro e de D. Inês de Castro. Não se trata de biografias romanceadas nas simplesmente de romances inventados, embora inspirados em acontecimentos históricos.

Sá Carneiro, advogado, opositor ao regime salazarista, tornou-se depois do 25 de abril líder político em ascensão. Casado, pai de cinco filhos, oriundo da alta burguesia industrial do norte, era o que se poderia chamar um esplêndido chefe de família. Até conhecer a dinamarquesa, divorciada, Snu Seidenfaden, mãe de três filhos.

O motivo do encontro: a publicação de um livro político de Sá Carneiro. A partir daí descobrem afinidades, acham-se graça, como se diz em Portugal e, naturalmente, acabam por estabelecer relações amorosas. E assim viverão até a fatídica noite de 4 de dezembro de 1980. Amavam-se e não podiam estar separados. Um comentário de jornal da época dizia que "Nos momentos difíceis Francisco Sá Carneiro serenava só de olhá-la", no melhor estilo dos grandes romances de amor.

O jornal de direita *O Tempo*, publica, a 7 de janeiro de 1982, o seguinte comentário: "Por sua dama o católico Francisco arrostou a temível ira dos bispos, o político Francisco entregou armas afiadas aos adversários no auge da batalha, o cidadão Francisco enfrentou a cínica desconfiança de parte dessa abstração que se dá pelo nome de sociedade." Observa o escritor Fernando Assis Pacheco, no JL, de Lisboa que

"A direita, quando está para aí voltada, escreve tão kitsch' como o Dr. Júlio Dantas."

Foi no caso Sá Carneiro-Snu Seidenfaden que Agustina Bessa Luís encontrou, como dissemos, inspiração para escrever *Os Meninos de Ouro*, já em quarta edição. Os personagens foram reinventados: José Matildes e Sá Carneiro, Marina, Snu, e Rosamaria, a esposa que não quer conceder o divórcio.

Mais do que um romance sobre o amor, *Os Meninos de Ouro* é uma narrativa de ampla significação verbal.

Agustina busca a identidade do próprio povo português dós 25 de abril, na análise que faz dos meninos que nascem em privilégios e um dia serão os dirigentes do país. Sobre José Matildes — ou Sá Carneiro — escreve: "Não tinha forças para encontrar aliados nem astúcia suficiente para se crer poderoso (...) à medida que o seu tônus cívico subia, ele deparava com mais dificuldades para se impor.

Marina "como amante de um doge, passou a aconselhá-lo na sua vida pública, a inspirar-lhe as simpatias e as aversões. Era tratada com muito tato, mas não escondiam que ela causava situações embaraçantes. Nada mais penoso do que vê-la nos salões praticando uma desenvoltura que levavam à conta de tributos pagos à nova intimidação que era execrar tudo o que fosse constrangimento de uma sociedade sem classe".

Rosamaria "ainda guardava, face ao casamento, uma recuada fidelidade, nos termos primitivos, e tentava não quebrar esses laços. Mas não podiam voltar ao antigo acerto das suas vidas, porque as estruturas da sociedade mudavam não só por efeito de uma ruptura de um sistema de valores, mas sobretudo porque ambos tinham ido muito longe na destruição do consentimento".

No relacionamento dos três, Agustina observa: "O caso de José Matildes era típico como tendo a intenção mais de humilhar do que a de exaltar o objeto sexual que era, primeiro, Rosamaria, depois Marina, e o modelo a obter e a apreciar (...) Quando, com pretexto de ver os filhos mais pequenos, ia a casa para se demorar dois ou três dias (o que depois acabou por se tornar impossível com os infernais ciúmes de Marina), era para encontrar estímulos naquele campo libidinal essencialmente feminino e no qual Rosamaria dominava. Assim se explica a demonstração que ele fazia da

sua ligação com Marina, os telefonemas ostensivos, os diálogos em voz demasiada alta e que Rosamaria era forçada a ouvir.”

Como diria o Cavaleiro de Oliveira, galante personagem do século dezoito, libertino por convicção: “Quanto mais um homem é razoável, mais é inconstante no seu amor”. Na verdade, além da estória de José Matildes, Rosamaria e Marina, Agustina faz a história do novo Portugal, onde se deparam dois momentos: a decadência de setores da alta burguesia e a emergência de líderes de classes até então afastadas do centro do poder. Tudo isto em meio a uma trama em que a paixão, a ambição e os desígnios do destino cortam uma das mais promissoras carreiras políticas do Portugal democrático.

BIASOLI, Marisa. *Noite Adentro*. Poesia. Nação Cariri Editora e Livraria Gabriel. Fortaleza, 84 páginas, 1984.

Carlos d'Alge

Acabo de ler os 47 poemas de Marisa Biasoli constantes do seu primeiro livro solo *Noite Adentro* que integra a coleção de Autores Cearenses da Nação Cariri Editora e da Livraria Gabriel. Recordo, agora, que há três anos Marisa estreava ao lado de Cidinha Fonseca no livro *Em silêncio* que tive o prazer de apresentar. *Noite Adentro* compõe-se de quatro partes: “Bruma azulada”, “As distâncias — Os passos”, “Vertentes” e “Ritmo interior”. Significativamente a segunda parte detém o maior número de poemas. De que tratam estes novos versos de Marisa Biasoli?

Pela leitura dos textos de Marly Vasconcelos, Moreira Campos e Francisco Carvalho, que enriquecem o volume, encontramos a resposta. Segundo Marly, o que se destaca nos poemas de Marisa Biasoli é o seu “tônus melancólico-evocativo”. Moreira diz que o contexto é “leve, sutil, fugidio como um trecho de música”. Carvalho prefere assinalar, e com muita propriedade, o “Eu subterrâneo” que graças ao isolamento da vida moderna faz com que aflore à superfície.

Aí temos a chave ou as chaves para decodificar as imagens metafóricas de *Noite Adentro*. É sobretudo nesse Eu que recria a infância e as memórias da casa que prefiro demorar-me.

Nota-se, neste livro, um equilíbrio entre as quatro divisões, assim em "Bruma azulada", as lembranças pertencem à infância e aos momentos de solidão e contemplação de seres e objetos. Já na segunda parte, mais densa e criativa, é o Eu à procura da sua identidade com o mundo real, enquanto nos dois últimos segmentos o que está em jogo são as possibilidades de se conseguir essa identidade ou afirmação.

Pode-se estabelecer uma identificação entre a casa e o Ser, até porque nos convém para exercitar um pouco a leitura de *Noite Adentro*. Reparem bem nesta palavra adentro, isto é, a solidão do Ser na casa. Agora possuímos os dados que nos permitem avaliar a casa e os seus segredos em confronto com o Ser e a sua solidão. Mas no Ser, como na casa, há que considerar o exterior e o interior. Lembro os versos de Rilke: "O mundo é grande, mas em nós ele é profundo como o mar."

Ora, o exterior e o interior formam uma dialética da dissecação que nos cega desde o momento em que a fizemos aparecer nos domínios metafóricos. A poesia é pois o caminho para o resgate onírico dos segredos da infância, não tanto da nostalgia da infância, o que seria vulgar, mas, e sobretudo, da nostalgia das expressões da infância.

Escreve Marisa: "Leve é sonho de criança (...) / Leve é esta música em surdina acordando lembranças antigas." O poeta deseja envolver-se na bruma azulada que são os momentos felizes da sua infância, bruma porque passado e distância e ao mesmo tempo magia porque nos permite recriá-la, e azul porque é a cor do mar, do céu, e da terra, depois de Gagarin. Essa infância foi tão mágica que a ela se agarram lembranças inesquecíveis como "a bailarina da caixa de música", a "princesa e a fada lilás", e até o "sorvete de maracujá" e "as salinas ao entardecer", pois o despertar pode se tornar amargo e assim há que pendurar os "sonhos / nos varais da infância".

No presente a névoa substituiu a bruma, a névoa é tátil e está à nossa frente. A bruma pertence àquela infância que teimamos reviver mesmo que seja em outra parte do planeta. O presente possui os seus medos e os seus fantasmas: "Somos todos tão frágeis / e tão solitários", à procura do reino ideal que se descortina além daquela porta.

A casa e os seus segredos. Desvendá-los, por que não? Diz Marisa que "Dói vasculhar nossos baús / e trazer de

lá / o que tentamos esconder / o que não queremos ver.”
Vasculhar os baús ou a casa dá no mesmo, é espantar os
nossos fantasmas e exorcizar os nossos medos.

Voltemos a Marisa: “Que a luz das velas / possa enxotar/
os fastasmas do medo / iluminar corredores / descer aos po-
rões (outras correntes) / e guiar-nos sem disfarces / até a luz
do sol.” Uma casa, como um Ser, tem porão e sótão. Os nos-
sos devaneios vão conduzir-nos por toda a vida aos refúgios
preferidos da nossa infância. Como escreveu Bachelard em *A
Poética do Espaço*: “O poeta sabe que a casa mantém a infân-
cia imóvel em seus braços.”

Os medos moram na casa e convém que nos libertemos
deles, e também dos possíveis fantasmas e correntes. No po-
rão é sempre noite e nele se escondem os nossos medos. O
porão é o ser obscuro da casa, na definição de Jung, em
L'Homme à la découverte de son âme. No sótão os medos se
racionalizam, no porão a racionalização é menos rápida e me-
nos clara. No sótão a experiência do dia pode apagar os me-
dos da noite, no porão concordamos com a irracionalidade das
profundezas: a loucura enterrada.

Marisa quer e pode esconjurar esses fantasmas e esses
medos. Para tanto é necessário ter passado momentos de soli-
dão e angústia, pois quem não as viveu não pode ter nenhuma
profundidade. O Ser na sua solidão contempla a sua verdade
e a sua nudez. Sabe que possui uma enorme vitalidade, uma
imensa possibilidade de dar-se e doar-se:

“a vida em cada recanto / do meu corpo.”

“minhas mãos (...) / recordam teu corpo/ e deixam
nele / as marcas do meu amor.”

“o amor há de chegar / e mudar-me inteira.”

“esta vontade de sair / vontade sem pés /
nem asas.”

O Ser tem as suas realidades e os seus medos. O deva-
neio é ainda uma porta aberta ao infinito, é preciso que o
Ser ilumine o porão onde residem os medos e os fantasmas
e abra as janelas do sótão onde tudo é claro e maravilhoso
como este dia de sol e mar que contemplo da minha varanda.

O corpo e sua verdade. Mas por que não lhe dar tempo
e abrigo? Por que não libertar “Os olhos (...) ilhados em
seus medos” e “encurralados em invisíveis prisões”? Dizer

sim às imagens oníricas da infância, dizer não aos "sorrisos em álbuns guardados", porque estáticos e parados no tempo que se quer vivo. Os limites do corpo: o corpo real e o corpo imaginário em conflito. Por que não dizer não às rejeições, às incompreensões, aos preconceitos, à massificação narcísica da estética dos cosméticos e dos padrões de beleza criados pelo cinema e televisão?

Em *Noite Adentro*, Marisa Biasoli fala do seu mundo, da sua solidão e da sua angústia, verdades de uma mulher em plenitude e em disponibilidade perante a vida. Há muitos e muitos anos Leonardo da Vinci, poeta, inventor, pintor e mágico, escreveu o seguinte: "O homem, como um contínuo desejo, aspira sempre a uma nova Primavera, e sempre a um novo estado, aos meses seguintes e aos novos anos, e, quando as coisas acontecem, é demasiado tarde, e o homem não se apercebe de qua aspira à sua ruína."

É Primavera agora. Ainda é Primavera. Vivê-la antes que seja tarde.